



O CAMPONÊS

ORGÃO DOS CAMPOSES DE PORTUGAL

A GRANDE GREVE DO COUÇO

As autoridades do Couço, conhecedoras da profunda indignação do povo pelas burlas eleitorais de 8 de Junho, reforçaram o posto da GNR com uma brigada da PIDE e uma força da GNR de Coruche chefiada por um alferes. Para mais atemorizar a população foram logo feitas 4 prisões. No dia seguinte, 23 de Junho, mais de 4 mil pessoas, homens, mulheres e crianças, cercaram o posto e aos gritos de «Abaixo a tirania» e de «Viva a Liberdade e a Democracia», exigiram a libertação imediata dos presos. A GNR e a PIDE assustadas correm para os telefones, mas estes tinham sido desligados. Então o alferes num jeep atirou-se 3 vezes para cima da multidão. O povo não arredou pé, Cercou o jeep e exigiu que se descesse daquela brancadeira perigosa e que puzesse os presos em liberdade. O alferes, vendo que a multidão estava disposta a assaltar o posto, ordenou que fossem soltos os presos. Aos gritos de VIGÍLIA, com os 4 presos aos ombros, vivas à liberdade, abaixo aos assassinos da PIDE, toras a Salazar e a sua camarilha, todo o povo percorre as ruas, cantando a PORTUGUESA. Pouco depois, em carros de combate mais de 300 GNR de Évora, Portalegre, Elvas, e muitos Pides ocuparam esta região. No Couço cada rua tinha 4 e 5 patrulhas armadas de metralhadoras, Desencadeiam o terror, agriem as pessoas, não consentem ninguém nas ruas, as portas ou janelas. Um capitão ofende uma jovem de 18 anos com os mais grosseiros palavrões. A jovem dá-lhe uma bofetada. O capitão e algumas patrulhas procuram bater na jovem, mas o pai sai para a rua em sua defesa, assim como muito povo, e a GNR teve de recuar.

A DEMOCRACIA CONQUISTA-SE PELA LUTA

A valorosa luta das massas populares contra as burlas eleitorais de 8 de Junho prossegue.

No dia 9 de Agosto, data da posse do Américo Tomás, mais de 240 trabalhadores de Cabeção e do açuê do Gameiro estavam em greve, continuando a greve que no dia anterior 50 trabalhadores tinham iniciado. Imediatamente brigadas da GNR em jeeps e a PIDE ocuparam esta região, efectuando 4 prisões. As paredes estavam cobertas de inscrições: «Viva Humberto Delgado. Não queremos o Tomás». As portas dos bufos foram também feitas inscrições, denunciando-os.

No Alcórrego, Benavila e Sousel muitos trabalhadores entraram em greve no dia da posse do lacaio salazarista. Muitas mulheres e homens puzeram luto. Numerosas pessoas escreveram ao Américo Tomás, dizendo-lhe que era uma vergonha aceitar um cargo para que não fôra eleito.

Também em Santa Margarida e Santo André, concelho de Grândola, houve pequenas greves de protesto contra a burla eleitoral. Em Baleizão foram afixadas 5 grandes bandeiras pretas que causaram grande surpresa e desespero na GNR que ocupara toda esta zona. Em muitas terras apareceram inscrições.

O nosso povo não aceita o fantoche Tomás na Presidência da República por isso continuará a manifestar o seu descontentamento. **A luta do nosso povo obteve uma importante vitória com a saída de Santos Costa do governo. Há agora que expulsar o próprio Salazar.**

Apesar do governo ter proibido que se comemorasse o aniversário da Implantação da República fora de Lisboa, o 5 de Outubro foi celebrado em muitas terras. No Porto reuniu-se uma enorme multidão que exigiu novas eleições. A polícia atacou esta multidão e efectuou prisões. Em Lisboa, juntou-se uma grande multidão no cemitério do Alto de S. João onde discursaram o General Humberto Delgado, Dr. Arlindo Vicente, Eng. Cunha Leal, etc. Mais tarde numa grande manifestação junto ao monumento a António José de Almeida o Gen. Humberto Delgado foi muito aclamado. A PIDE, a GNR a cavalo e a Polícia intervieram criminosamente lançando bombas de lacrimogénias. O 5 de Outubro foi também comemorado em Santarém, Cartacho, Alpiarça, Cercal, Oihão, Torres Vedras, Couço, Aviz, Sousel, etc. No Alcórrego num jantar comemorativo foi pedido «um minuto de silêncio à memória dos que caíram na luta eleitoral».

O governo não só mostrou mais uma vez o seu carácter anti-nacional com a proibição da comemoração desta histórica data, mas também de novo desrespeitou a própria Constituição adiando as eleições para as Juntas de Freguesia que se deviam realizar agora. Espera assim ocultando a data destas eleições, vir a apanhar desprevenidas as massas democráti-

cas. Pretende ainda viciar mais o recenseamento que se iniciará em Janeiro. As forças populares podem fazer malograr estas manobras na medida em que se organizem e preparem desde já quer para a batalha do novo recenseamento quer para as eleições das Juntas de Freguesia, escolhendo os candidatos, elaborando o seu programa de realizações, criando as suas comissões eleitorais.

A situação económica criada por 32 anos de governo de Salazar tornou a vida das populações muito difícil, por isso também no plano económico há importantes combates a travar. Os meses que se aproximam serão para as massas camponesas meses de grandes dificuldades e de fome devido ao desemprego geral e aos baixíssimos salários. Os trabalhadores do campo, os seareiros, rendeiros e os proprietários devem unir-se e lutar pela melhoria da sua situação.

Centenas de milhar de camponeses actuaram valorosamente

durante as eleições. Várias dezenas de milhar de operários agrícolas entraram em greve recentemente. Se a imensa maioria dos portugueses que apoiaram as candidaturas do Dr. Arlindo Vicente e do General Humberto Delgado e que souberam unir-se no desejo de que o seu candidato único nas urnas — o Gen. Humberto Delgado — triunfasse, souberam unir-se de novo e lutar quer no terreno económico quer político muitas vitórias poderão ser conquistadas.

A Oposição deve unir-se de novo e intensificar os seus trabalhos, alargando as suas comissões, tornando-as comissões do Movimento Nacional Independente, movimento legal da Oposição presidido pelo Gen. Humberto Delgado, cujas comissões se devem criar por toda a parte.

As forças da Oposição devem unir-se e organizar-se para travarem as novas batalhas que hão-de implantar em Portugal a Democracia.

QUE ACABE A VIOLENCIA!

Em todo o sul estão a ser aumentadas as forças repressivas.

Acaba de ser criado em Beja um posto da PIDE, chefiado por Gentil Marques, com 8 pides, que dispõe dos carros CH-18-21 e BH-23-97.

Em Évora está a montar-se um outro posto da PIDE.

São constantes as idas dos pides de Setúbal a Grândola, Lousal, Ermidas, etc.

A PIDE apoiando-se numa densa rede de postos, de lacaos e de bufos aberta as malhas que tornaram já Portugal um campo de Concen-

tração.

Os postos da GNR estão a ser reforçados. Aldeia Nova, Pias, Baleizão, Vale do Vargo, Messajena e outros viram dobrar o número de guardas. Patrulhas a cavalo percorrem estes campos. Os guardas mal páram dentro dos postos; emporrados pela PIDE e pelos superiores rondam constantemente. A sua acção tornou-se criminoso. Interrogam e revistam os trabalhadores de dia e de noite, Espancam. Insultam e multam sem qualquer razão. São frequentes os casos de pessoas que «abordadas» pela GNR lhe saiem

30\$00 PARA OS HOMENS E 20\$00 PARA AS MULHERES!

A azeitona proporciona fartos e lucros aos grandes agrários e aos grandes fazendeiros. A safra da azeitona tem deixado os trabalhadores na mesma miséria, rotos e descalços, com os filhos esfomeados e as dívidas por pagar. Isto dá-se porque os trabalhadores não têm actuado unidos. Actuando uns por cada lado e às escondidas, actuam como se fossem inimigos, prejudicam-se todos.

Num período como o que atravessamos de grande desemprego, trabalhar de empreitada, fazendo o trabalho de 2 ou 5, servirá apenas para ficarem mais braços desocupados.

«O CAMPONÊS» aconselha os trabalhadores a não se sujeitarem, no seu próprio interesse, ao trabalho de empreitada. No entanto, se em determinadas regiões recorrerem a este tipo de trabalho devem pedir um salário compensador, à roda dos 40\$00 pelos 100 litros de azeitona. O trabalho de empreitada representa apenas maior exploração sobre os trabalhadores.

Os operários agrícolas do que precisam é de trabalho garantido

e de um salário mínimo vital, ou seja um salário que permita vivermos sem tanta miséria.

«O CAMPONÊS», tendo já ouvido centenas de trabalhadores — por vezes em reuniões de massas de mais de 100 trabalhadores — torna público que até aqui a opinião geral é de que o salário mínimo vital deve ser de 30\$00 para os homens e de 20\$00 para as mulheres.

«O CAMPONÊS» aconselha todos os trabalhadores a reunirem-se para discutir estes problemas, assim como para eleger as suas COMISSÕES DE UNIDADE compostas pelos homens e mulheres que mais provas têm dado de dedicação e compreensão dos seus problemas.

Que os trabalhadores se vão combinar para que todos se disponham a nunca trabalhar por menos do salário mínimo vital que o seu grande defensor, o jornal «O CAMPONÊS» venha a estabelecer.

Avante, desde já, todos unidos na luta pelos 30\$00 para os homens e 20\$00 para as mulheres nos trabalhos da azeitona.

terror, agriem as pessoas, não consentem ninguém nas ruas, as portas ou janelas. Um capitão ofende uma jovem de 18 anos com os mais grosseiros palavrões. A jovem dá-lhe uma bofetada. O capitão e algumas patrulhas procuram bater na jovem, mas o pai sai para a rua em sua defesa, assim como muito povo, e a GNR teve de recuar.

O povo não se intimida com o aparato repressivo. No dia seguinte organiza-se em grupos de 60, 70 e mais pessoas. Uns marcham para os lados de Coruche, outros para os Barragens de Montargil, outros para os canais do Sorraia, etc. Quando chegam ao pé dos ranchos de trabalhadores dão vivas à Liberdade e apela para a greve. Logo os ranchos abandonam o trabalho, cantando o Hino Nacional. Um grupo dumaz dezenas de pessoas quando chegou a Montargil contava já com mais de 400 pessoas, e aos gritos de «Fora com Salazar e Abaixo o fascismo» toda a barragem largou o trabalho. O movimento cresce. Só no Couço tomam parte na greve mais de 6 mil pessoas: trabalhadores rurais, carreiros, criadas, comerciantes, barbeiros, laberneiros, carpinteiros, proprietários, costureiras. A greve era geral. O entusiasmo era delirante e ninguém tania a repressão. A GNR cercou um grupo de 70 pessoas e queria que dispersasse. O grupo resistiu. Um bandido dum cabo fez fogo para cima da multidão, atingindo um trabalhador.

A GNR, depois dos tiros, pede calma. O grupo com o trabalhador ferido às costas segue para a terra. Mas a greve não para, e no dia 25 novos grupos saem a levantar mais ranchos. A GNR partia logo a cercá-los, mas a malta sabia bem os caminhos e quando regressava cantava novas vitórias. Devem ter estado em greve nesta região mais de 10 mil pessoas. As mulheres desempenharam um grande papel na luta ao lado dos homens, tirando as ferramentas aos que hesitavam entrar na greve. A greve durou mais

(Continua na 2.ª pág.)

das mãos para o hospital. O «Diário do Alentejo», de Beja, de 20 de Agosto, num **REPARO**, em que condenava que as autoridades estivessem a recorrer «a métodos que brigam contra os elementares direitos humanos» contava que:

«Numa provocação qualquer, um homem suspeito de crime de roubo foi alvo de «interrogatórios» tão «apertados» que se tornou necessário conduzi-lo depois ao Hospital onde, apresentando contusões várias, teve de permanecer alguns dias internado, após o que saiu em liberdade, sem ser enviado a juízo, donde se deve concluir que não ficou provada a acusação que sobre ele incidia, circunstância que ainda torna mais chocante a ilegal punição que antecipadamente lhe foi aplicada.

Na mesma localidade ter-se-ia também passado este caso estranho: um rapaz, ou melhor, um homem de 21 anos, não cumprimentou, por distração ou por propósito deliberado, um agente da autoridade que encontrara na rua. Não cometeu, claro, qualquer delito, o que não evitou de ser chamado ao respectivo posto e aí castigado com abundantes e vigorosos açoites...

A estes casos passados em Baleizão, com o trabalhador Manuel do Carmo, espancado pelo cabo Cavaco, e com Hilário Calquinhos, espancado pelo guarda António Valcário, que o fez despir para melhor o sovar, outros poderíamos acrescentar.

(Continua na 2.ª pág.)

SOLIDARIEDADE

Além de várias quantias recolhidas para a ajuda aos grevistas e de que são exemplo 462\$90 dos estudantes universitários de Lisboa e 2.500\$00 de vários intelectuais, «O CAMPONÊS» tem conhecimento de que a FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL fez chegar até aos lares mais necessitados dos grevistas presos e perseguidos a Solidariedade da classe operária internacional.

O facto da F.S.M., que abarca nas suas fileiras mais de 80 milhões de trabalhadores, ter enviado a sua Solidariedade é a melhor prova do prestígio alcançado em todo o Mundo pela luta heroica do nosso povo contra a camarilha salazarista.

Esta Solidariedade, recebida com comção e grande entusiasmo, será para todos nós mais um incentivo à luta.

«O CAMPONÊS» saudá a grande FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL e transmite-lhe o profundo reconhecimento do povo português.

Que Acabe a Violência!

(Continuação da 1.ª pág.)



centar como o de António Sousa, soldado em Beja, que indo ver a família a Vale do Vargo, e porque ia a cantarolar pela rua sozinho, foi levado ao posto e aí agredido pelo que teve de dar baixa à enfermaria do quartel, donde depois seguiu para o Hospital da Estrela em Lisboa.

Os trabalhadores estão a ser vigiados provocatoriamente pela GNR mesmo quando a trabalhar. Esta enfrenta-os violentemente quando se dirigem às Casas do Povo ou às autoridades a pedir trabalho.

Há bem pouco foi assassinado em Montemor-o-Novo José Adelino dos Santos, pelo sargento da GNR Francisco Martins Range e pelo Presidente da Câmara Vacas. A GNR tem feito tiros no Couço, em Beja, Baleizão, Aldeia Nova, Pias, Salvada, etc.

Em 13 de Setembro, a GNR de Reguengos fez parar uma camioneta que levava 35 trabalhadores de S. Marcos e 5 do Campinho e levou-os ao posto onde foram todos revistados. No começo de Setembro também os passageiros duma camioneta foram revistados à chegada a Aljustrel.

Recentemente só ao posto da GNR do Couço foram chamadas mais de 100 pessoas, e a maioria foi aí insultada e espancada pela guar-

da e PIDE.

A PIDE continua a prender. Tem havido torturas brutais como as que fizeram enlouquecer o mineiro, do Lousal, Manuel da Egua, que, como outros mineiros, foi obrigado a estar de pé, braços abertos em cruz e voltado para a parede, durante «interrogatórios» em que a cara lhe era batida contra a parede. Nos antros da PIDE, em Lisboa, numerosos presos têm sido também maltratados, como o jovem Francisco Patrício, de Baleizão, António Farrica e João Machado de Montemor, etc. etc.

A situação criada é extremamente grave. As feras salazaristas andam à solta e fazem razia. Mas, se unirmos a nossa indignação e protestarmos, a repressão recuará.

Apelamos para toda a gente de boa vontade para que proteste por todos os meios, desde inscrições a abaixo-assinados e concentrações, contra o que se está a passar.

Mais uma vez, o jornal «O CAM-PONÊS» apela para os soldados da GNR e da PSP para que se recusem a metralhar e a espancar o povo. Que se recusem a seguir as ordens bárbaras da PIDE e dum governo que os portugueses detestam. Defendei o povo! Fazei causa comum com o povo esfomeado, explorado e oprimido!

A Grande Greve do Couço

(Continuação da 1.ª pág.)

de 8 dias e só terminou com a brutal repressão da GNR e da PIDE, com a prisão de mais de 60 pessoas, sendo 13 mulheres. A PIDE ordenou a proibição do trabalho durante um mês. Depois os ranchos foram trocados de capataz e todos os dias eram vigiados pela GNR.

Nos fins de Setembro, 5 Pides e várias patrulhas da GNR de Coruche ocuparam de novo o Couço. Foram presos mais 9 trabalhadores. Mais de 100 pessoas foram chamadas ao posto onde a maioria foi insultada e espancada. Apesar do terror, o valente povo do Couço concentrou-se e uma grande multidão esperou, chorando de alegria, em

4 de Outubro, a chegada de 14 dos presos. As 13 mulheres já tinham sido libertadas: no dia 10 do corrente chegaram mais 3 aos presos. Durante toda esta dura luta sempre o povo do Couço se manteve unido, tendo-se socorrido mutuamente.

Unamo-nos todos no mesmo espírito de SOLIDARIEDADE. Protestemos a repressão que caiu sobre o Couço. Exijamos que sejam libertados todos os presos políticos.

Saudamos o valeroso povo do Couço que está a dar a todos os portugueses um grande exemplo de luta pela DEMOCRACIA.

CARTA DE BENCATEL

O Dr. Luís Bolhão, despediu sem qualquer escrúpulo um criado que há 50 anos trabalhava na casa. Tinha ido para lá em criança, agora que não trabalhava tanto como em novo apanhou o conhecido pontapé no rabo: RUA! Casos destes há muitos e servem para abrimos os olhos e vemos o valor que os patrões nos dão. Os agrários só pensam em explorar-nos o mais possível enquanto podemos. Depois mandam-nos para a rua com todo o desprezo.

O caminho é unirmo-nos, organizarmo-nos e lutarmos para que Salazar caia e vá para o Poder um governo de homens sérios que defendam e respeitem os nossos direitos e interesses.

Um trabalhador.

CARTA DE CAMPO MAIOR

Companheiros — As nossas condições de trabalho são desumanas. As nossas jornas são de fome. Em poucas partes do Alentejo os trabalhadores sofrem tanto como aqui. A nossa comida é ao almoço uma sopa de cebola, uma colher de azeite por pessoa; ao jantar, grãos, muitas vezes crus; a ceia, um gaspacho, com uma colher de azeite por pessoa. O pão é duro, ruim e preto. Todos os dias é assim.

Companheiros! Acabemos com esta situação de exploração. Façamos grandes reuniões com homens e mulheres para assentar que ninguém trabalhe por menos da jorna combinada por nós. Chamemos todos os nossos companheiros à unidade e à luta. Unidos venceremos:

- **Que ninguém gaste dos comerciantes salazaristas, provocadores e bufos, como o Artur Basílio, do Couço.**
- **Liberdade para todos os presos políticos. Amnistia!**
- **Proibição das armas atômicas e de hidrogénio! Lutemos unidos contra o perigo duma nova guerra!**



Vamos lá conversar, Zé!

— **E**h, Zé, como tu vens, homem, tão magro e amarelo!

— Gosto em ver-te, Toino. Olha que não terás melhor aspecto que eu.

- Se te parece, Zé. A fome está a dar cabo de nós.
- Ai, Toino, que dôr ver as criancinhas tão mirradas. Em todas as caras se vê a marca da fome. E isto é assim em toda a parte.
- Está tudo desempregado, Zé. Os trabalhos das estradas são poucos. Só promessas... e nada.
- Em todo o Alentejo é a mesma situação aflitiva, Toino.
- Imensa gente tem saído para trabalhar noutras terras. Mas que se resolve com a saída, Zé?
- Vai-se para os meloais e para as vindimas, para a construção civil, para tudo. Voltamos arrazados e dcentes, e sem dinheiro. Sairmos para outras terras é irmos aumentar a miséria lá, enganarmo-nos a nós mesmo. É fugir à luta contra o desemprego, Toino.
- Tens razão, Zé. Se não nos metermos seriamente à luta vamos ficar desempregados até às mondas, que azeitona este ano não se vê por toda a parte. Vai ser ruim este inverno.
- Pobres das mulheres, Toino, que ganham sempre uma miséria e ainda têm de nos pôr a mesa e aos filhos. O que elas comem são lágrimas bem amargas.
- Tudo se combina contra ela e contra nós, Zé. Mas que fazer para modificarmos a nossa vida?
- O que temos a fazer, Toino, é actuarmos unidos. Não aceitar o desemprego, a fome e a miséria. Todos unidos temos de ir às Casas do Povo e às autoridades exigir trabalho. Se não derem há que juntar todas as freguesias e ir em massa com as mulheres e os filhos aos Concelhos, às Câmaras Municipais. Gritemos «Temos Fome» nas próprias capitais dos Distritos. Se não resolverem a nossa situação vamos na mesma todos unidos para as portas dos grandes agrários exigir que nos dêem imediatamente **TRABALHO OU QUE COMER** — que esses têm sempre as casas cheias do bom e do melhor à custa do nosso suor.
- Acho justo, Zé. **Todos juntos devemos ir buscar o comer onde o houver.** Basta de fome!
- Isto não é tudo, Toino. Para que a nossa vida se modifique, temos de lutar pela **REFORMA AGRÁRIA.**
- O que é a **REFORMA AGRÁRIA, Zé?**
- É a divisão das propriedades dos grandes agrários latifundistas por aqueles que não têm terra nenhuma e que a trabalham, como nós, e por aqueles que têm um pedaço de terra muito pequeno que nem dá para si e para os seus. Vê, Toino, que tudo que produzimos, todas as riquezas que este grande Alentejo oferece não ficam para nós. São mandadas para esses latifundiários que não cultivam as terras, que vivem longe, preocupando-se das «suas» terras apenas com o que recebem e que seja cada vez mais. Muitos nunca puzeram os pés nas «suas» terras, que chegam a ter léguas e léguas de largura. Quase não se acredita, que sendo tanta a fome e o desemprego haja propriedades sem ser cultivadas e tão grandes.
- Tens razão, Zé. Essas terras deviam ser distribuídas por quem as trabalha, por quem delas precisa para empregar os braços e a vontade, por quem as estimaria como à menina dos seus olhos.
- Exactlymente, Toino. Só assim a nossa vida se modificará. Somos nós trabalhadores do campo e camponeses que temos de realizar aquilo que nos pareça que será justo e para o nosso bem. E havemo-nos de fazê-lo, Toino!
- Nós podemos vencer, Zé. Já me tens dito que temos amigos seguros nos trabalhadores das cidades e nas pessoas progressivas que juntarão as suas forças às nossas. Somos milhões os portugueses que somos contra Salazar e a sua camarilha de grandes exploradores, e, se nos unirmos, nada haverá que resista à nossa luta. Então nós, trabalhadores do campo, e todo o nosso Portugal, teremos uma vida diferente e FELIZ!
- Temos pela frente uma luta dura e difícil, mas tenho a certeza de que a UNIDADE de todos os que trabalham a terra e a sua LUTA contra o punhado de grandes exploradores e o seu governo acabará por vencer para sempre a fome e o desemprego.
- Deste-me uma alma nova, Zé, vou já contar a toda a malta o que me disseste.
- Até à vista, querido companheiro.

NÃO VOS DEIXEIS ROUBAR, SEAREIROS!

Xà 45 anos que o rendeiro da propriedade Vidigal, de S. Luís, Odemira, vem dando a terra a quatro a 40 seareiros, pagando ele de renda, ultimamente, 30 contos.

Para deitar a mão a esta propriedade, José da Costa, grande proprietário, ofereceu 70 contos de renda por ano. O dono «tendeu-o logo, mandando despedir o rendeiro antigo. Este recusou-se a sair sem que lhe pagassem o alqueiva feito.

Apareceu então um advogado que lhe ordenou que saísse. Saldados disto, todos os 40 seareiros se juntaram para falar com o advogado, que lhes disse: «O que quereis, anjinhos?». Os seareiros indignados responderam-lhe: «O que queremos é semear a terra. Não a largarmos porque as despesas do alqueiva quem as fez fomos nós.»

Os seareiros estão na disposição de se-

meiar as terras haja o que houver.

O José da Costa mandou já vários rebanhos para esta propriedade, mas os seareiros, os vizinhos e os criados não deixaram entrar o gado. A GNR sempre ao lado dos pederros quer que o gado entre, mas todos se lhe opõem firmemente.

Seareiros de S. Luís! A vossa luta é justa. Deveis manter-vos sempre unidos e não consentir que vos tirem a terra em que tanto tendes trabalhado. Por tantos anos de cuidados e pelo muito que tendes pago, essa terra já devia pertencer-vos.

Que por todos os lados os seareiros sigam o exemplo dos seareiros de S. Luís que estão dispostos a não se deixar roubar.

«O CAMPONÊS» defende que essa terra seja de quem a trabalha.

- **Divulgai «O Camponês».**
- **Passai-o de mão em mão.**
- **Lêde-o em grupos e nos ranchos.**
- **Auxiliai «O Camponês»**